

# O “SEGUNDO VIOLINO”: CONTRIBUIÇÕES DE ENGELS ÀS QUESTÕES SOCIAIS<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo analisa as contribuições de Friedrich Engels ao entendimento da realidade da classe trabalhadora e da sociedade diante do sistema de produção capitalista, empreendendo uma tentativa de análise das principais questões sociais que perpassam o desenvolvimento da sociedade. Multifacetada sob a compreensão de Engels, a discussão desta temática não apenas levará a análise dita “engeliiana” sobre o social a outros horizontes, como também colocará o pensador como personagem de imensa importância sobre o desenvolvimento do marxismo e da crítica à Economia Política, incluindo a discussão sobre o método marxista. Desta forma, o posicionamento do artigo vai ao sentido contrário à autodenominação de Engels diante de sua participação na construção do socialismo científico e de um corpo teórico sobre a economia política, a autodenominação como “segundo violino”.

**Palavras-chave:** Friedrich Engels; questões sociais; capitalismo.

**Classificação JEL:** B14.

## Abstract

This paper will analyze the Engels’ contributions towards the understanding of the reality of the working class and of society in face of the capitalist production system, undertaking an attempt to understand major social issues that underlie the development of

## TAINÃ ALCANTARA DE CARVALHO

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Membro do Núcleo de Psicologia do Trabalho, NUTRA – UFC, e colaborador do Viês – Núcleo de Economia Política da UFC. E-mail para contato: <alcantara.ecoufc@gmail.com>.

society. Multifaceted in the understanding of Engels, the discussion of this issue not only leads to Engelsian analysis of the social to other horizons, but also places the author as a character of immense importance on the development of Marxism and the critique of political economy, including the discussion of the Marxist method. Thus, the article's opposes Engels' self-designation beyond the construction of scientific socialism and the theoretical body on the political economy as "second fiddle".

**Keywords:** Engels; social issues; capitalism.

Apesar do empreendimento da crítica à Economia Política e da análise das condições e do possível devir da classe trabalhadora, realizado em conjunto com Karl Marx, a real participação de Friedrich Engels na construção da teoria marxiana sempre aparece enevoada pela grandiosidade do colega, mais especificamente representada por sua *magnum opus*, *O capital*, dedicada a uma desconstrução mais científica – e, com isso, formal – e ao entendimento mais pormenorizado do funcionamento do sistema capitalista. O tipo de relevância concedida aos seus escritos frente às ideias construídas por Marx, cujos fatos e categorias descritos em sua obra se prolongam no debate da

contemporaneidade, transparece uma submissão de intelecto de Engels à construção teórica desenvolvida por Marx. Neste sentido, a própria figura de Engels no marxismo é posta em dúvida, fornecendo subsídio a opiniões como a de Aron (2005, pp. 29-30), para quem "talvez, em certo sentido, Engels fosse mais inteligente, pelo menos tinha mais bom senso. Se for esse o caso, é certamente por ele não possuir nenhuma genialidade, enquanto a de Marx é inconcebível."

Personagem cuja contribuição é pouco aprofundada na história do marxismo, a vida de Engels baseou-se inteiramente no apoio às lutas da classe operária. Filho de industrial, sua posição social, entretanto, não o cegou diante das discrepâncias percebidas na Inglaterra e em outros países, principalmente no que concerne à situação da classe trabalhadora, da classe mais abastada, curiosamente da qual proveio, e do embate presente entre as duas. Estes fatores logo cedo o fizeram aderir aos ideais da esquerda, contribuindo à solidificação do movimento operário, bem como ao desenvolvimento do corpo teórico necessário ao entendimento do comunismo e de sua posição enquanto modelo social, político e econômico que, enfim, traria uma melhor condição à sociedade; onde, afinal, as classes seriam negadas. Sua sensibilidade

diante dos problemas que assolam a classe trabalhadora, desta forma, destacam tanto seu percurso intelectual quanto seu caráter.

Mediante o posicionamento de importante personagem à construção do pensamento marxiano, o presente artigo deverá expor resumidamente algumas das contribuições do pensamento *engeliano* relacionadas às questões sociais, tema sempre presente, em menor ou maior densidade, em suas obras, e ao desenvolvimento do próprio pensamento marxiano. Além de seu apoio incondicional à discussão e propagação das ideias marxianas, para as quais, inclusive, teve importante papel na construção da base crítica de Marx, pode ser percebida em seus escritos uma preocupação múltipla, mas convergente, ao entendimento da sociedade humana – seu desenvolvimento e seu devir – e ao meio que o cerca. Essa preocupação com as questões do ser e da sociedade e a incipiente abordagem acerca das mesmas sob a ótica da luta de classes (Branco, 2005) põem em discussão a autocaracterização de Engels enquanto “segundo violino” frente às contribuições de Marx. Para além da teorização acerca do valor-trabalho, Engels mostra-se preocupado com os rumos delineados pelo homem, analisando, assim, sua origem, sua relação com o meio e com o outro sob a égide do capital.

## I.

Inicialmente, para se perceber a contribuição de Engels não apenas às questões sociais, mas ao desenvolvimento do marxismo, deve ser citado seu *Esboço de uma crítica da economia política*, escrito em fins de 1843. Sua importância pauta-se por três fatores. Primeiramente, pode-se presenciar o início de uma constatação acerca do real estado teórico e filosófico da economia política. Apesar de pontuar o germe do desenvolvimento intelectual de Engels, sendo percebido na escrita o jovem vigor de sua opinião acerca do sistema econômico e político da época, a obra aponta para questionamentos importantes acerca dos rumos ao entendimento da esfera econômica – sujeito exclusivamente à evidência e explicação do funcionamento das economias das nações –, seu tratamento para com o ser humano e as relações entre os indivíduos. Indo de encontro à comum constatação do sistema econômico vigente, tal qual o fizeram os economistas clássicos, Engels destaca que a “nova economia”, apoiada no livre comércio, “revela-se como a hipocrisia, a imoralidade e a inconsequência que, presentemente, afrontam todos os domínios da liberdade humana.” (Engels, 1979, p. 3) As primeiras linhas escritas por Engels, desta maneira, apontam para sua preocupação principal: o devir da humanidade tendo por base o sistema de produção de mercadorias, em seu cerne contrário à própria sobrevivência do ser (social) humano. Diante do capitalismo, a

humanidade – *lato sensu* – destruir-se-ia aos poucos:

Depois de a economia liberal ter feito tudo para universalizar a hostilidade decompondo as nacionalidades, transformando a humanidade numa horda de bestas ferozes (acaso não são bestas ferozes os que se dedicam à concorrência?) que se entredevoram precisamente porque cada um partilha com todos os outros dos mesmos interesses – após este trabalho preliminar, restava-lhe apenas um passo para chegar ao fim: dissolver a família. Para isso, o sistema fabril, sua bela invenção pessoal, correu em seu auxílio. O último traço dos interesses comuns, a comunidade familiar de bens, foi minada pelo sistema fabril e – pelo menos aqui, na Inglaterra – está a ponto de ser dissolvida. Cotidianamente, as crianças, logo que estão em idade de trabalhar (ou seja: quando chegam aos nove anos), gastam o salário em usos próprios e consideram a casa paterna como simples pensão, entregando aos pais uma certa quantia para alimentação e alojamento. (Engels, 1979, p. 6)

Em segundo lugar, encontra-se no *Esboço* uma introdução aos principais temas que passariam a ser abordados e amadurecidos por Engels em obras futuras, mantendo, entretanto, a ligação com a crítica à economia política. Possuindo uma ampla perspectiva sobre os fatores característicos da sociedade baseada na produção capitalista, as pautas presentes nesta obra abrangem desde o debate sobre a relação natureza-sociedade à preocupação sobre as condições de pauperismo da sociedade inglesa,

fruto do desenvolvimento industrial, percebidos em seus escritos mais maduros, conforme será visto mais à frente.

Por fim, o artigo publicado nos Anais Franco-Alemães viria a ser a força responsável pelo estudo mais aprofundado de Marx sobre o funcionamento do sistema capitalista e, com isso, em uma imersão no caráter da “economia nacional”, bem como pela criação de um laço fraternal e intelectual entre os dois pensadores. Levando Marx ao desenvolvimento dos *Manuscritos de 1844*, inicial empreendimento de Marx, após curto período de estudo sobre os economistas clássicos, em entender a dinâmica do sistema capitalista e da transformação do ser social diante da cisão entre sua atividade laboral e o produto desta (a abordagem da produção capitalista sob a ótica da alienação) (Aron, 2005), sua influência a partir do escrito de Engels mostra-se evidente, principalmente nas discussões sobre as relações promovidas pela economia e pela propriedade privada sobre o indivíduo:

A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é o nosso objeto se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim, usado. Embora a propriedade privada apreenda todas estas efetivações imediatas da própria posse novamente como meios de vida, e a vida, à qual servem de

meio, é a vida da propriedade privada: trabalho e capitalização. (Marx, 2006, p. 108)

Pelo seu viés, conhecemos o mais profundo aviltamento da humanidade, sua dependência das relações concorrenciais; ele nos mostrou que, em última análise, a propriedade privada faz do homem uma mercadoria, cuja produção e destruição dependem, também elas, apenas da concorrência, e que o sistema concorrencial massacrou deste modo, e massacra, diariamente milhões de homens; vimos tudo isto e tudo isto nos leva a suprimir este aviltamento da humanidade ao suprimir a propriedade privada, a concorrência e os interesses antagônicos. (Engels, 1979, p. 19)

Sobre este último fator, Branco (2005) destaca que, apesar dos termos de sua crítica geral já se mostrarem presente nos escritos dos socialistas utópicos, como Fourier, não se constituindo uma nova contribuição à discussão sobre o sistema capitalista, o principal fator que põe em evidência a obra de Engels – e, com isso, contribui para o interesse de Marx sobre a economia política – reside no destaque da existência de uma luta de classes proveniente do estabelecimento da propriedade privada, centro da discussão que, juntamente à análise sobre a concorrência e as crises econômicas (ambas provenientes da existência da propriedade privada) formam o *Esboço*. Na perspectiva de Engels, destacando o próprio interesse sobre a discussão das questões que envolvem o desenvolvimento social, seria a propriedade privada a responsável pela discrepância entre as duas classes que

formam a sociedade – burguesia e proletariado –, mesmo diante da potencialidade demonstrada pelas novas tecnologias, que alavancariam o crescimento da oferta de bens – negando, desta forma, a teoria malthusiana sobre as diferenças entre o crescimento populacional e da produção. Esta perspectiva mostrar-se-ia mais clara durante as crises de superprodução, nas quais, apesar da oferta de bens superar a demanda, o pauperismo e a miséria prevaleceriam incrustados na classe trabalhadora, demonstrando, assim, que “na crise de superprodução, a miséria é produzida socialmente pelos mecanismos automáticos da sociedade mercantil, e não como algo natural, como supunha erroneamente a teoria malthusiana” (Branco, 2005, p. 6).

Apesar de incipiente e norteada por uma pulsante<sup>2</sup> constatação da realidade que aflige a sociedade do século XIX diante do desenvolvimento das novas imposições do período industrial, a obra de Engels expõe, inclusive em comparação à posterior obra de Marx, os *Manuscritos de 1844*, uma ampla visão acerca dos percalços criados pela “economia nacional”, baseada nos pressupostos do capital. O caráter autônomo dos estudos de Engels, desta forma, se desvanece diante de sua sensibilidade sobre a realidade político-econômica de sua época. Será com o encontro com Marx e a consolidação de sua parceria que Engels amadurecerá intelectualmente, sem, todavia, perder o foco da perspectiva adquirida na primeira metade do século

XIX, atuando tanto sobre a teoria desenvolvida juntamente a Marx, quanto sobre as próprias percepções da realidade social. Situam-se já nesta obra, entretanto, toda a importância e a genialidade de Engels.

## II.

Com a concretização de um trabalho intelectual e de uma amizade que duraria até a morte de Marx, em 1883 – na verdade, indo além disso, se lembrarmos do trabalho empreendido por Engels na expansão do marxismo e na conclusão dos tomos de *O capital* –, juntamente à sua maturação intelectual, percebe-se em Engels um pesquisador e um leal e fascinante construtor do ideal comunista. Diante da profundidade teórica superior de Marx – com este possuindo doutorado em filosofia, ao passo que Engels jamais frequentara a universidade – realizou-se uma divisão de trabalhos entre os dois autores, conforme destaca o próprio Engels no início de *Para a questão da habitação*, de 1875:

Em consequência da divisão de trabalho que existia entre Marx e eu, coube-me defender as nossas opiniões na imprensa periódica, ou seja, nomeadamente, na luta contra opiniões adversárias, para que Marx tivesse tempo de elaborar a sua grande obra principal. Fiquei, deste modo, na situação de expor a nossa maneira de ver, na maioria das vezes em forma polêmica, em oposição a outras maneiras de ver.<sup>3</sup> (Engels, s/a, p. 5)

De acordo com Coggiola (1995, p. 24), “a ‘divisão do trabalho’ se estabeleceu com base nos talentos e possibilidades diferenciadas [...]. Mas foi resultado de uma colaboração, e não de uma ‘subordinação’”. Além disso, Coggiola destaca que este papel concedido a Engels foi de extrema importância, desfazendo a imagem relacionada a este diante da importância concedida ao colega:

Mas isto não deve levar a pensar que o papel de Engels limitou-se à “divulgação” ou “vulgarização” das idéias formuladas por Marx. Ao contrário: Engels, em primeiro lugar, como o próprio Marx reconheceu, estendeu o campo de aplicação dos novos princípios para terrenos desconhecidos para Marx, ou onde este limitou-se a seguir os passos do seu companheiro (caso das ciências da natureza, verdadeira base da dialética marxista). Em segundo lugar, Engels não “rebaixou” as idéias de Marx para torná-las acessíveis ou “populares”: o que Engels realizou foi um verdadeiro trabalho de recriação sintética dos novos princípios teóricos (trabalho que Marx nunca conseguiu fazer, embora o pretendesse, como o demonstra sua idéia nunca levada a cabo de escrever um tratado sobre a dialética). Esse trabalho não foi um passatempo, mas uma necessidade imprescindível para tornar o marxismo apto a transformar-se em programa real do movimento operário, sem perder nada da sua profundidade e riquezas teóricas. (*ibidem*)

Apesar da constituição em conjunto com Marx de *A sagrada família*, em 1845, *Ideologia alemã*, em 1846, e do *Manifesto do partido comunista*,

datado de 1848, continuar-se-á a analisar estritamente as obras de Engels, sem esquecer as influências de Marx sobre as ideias do autor. Todavia, acredita-se que, mesmo assim, Engels permanecia com uma escrita e interesses próprios, destacando-se mesmo fora de suas participações junto a Marx.

Para esta segunda “fase”, faz-se menção a três escritos de Engels: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1845; *Para a questão da habitação*, de 1873; e *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, de 1876. Apesar da distância temporal entre as obras, as análises contidas em cada uma mostram-se complementares entre si, apesar de também escritas com diferentes fins. O conjunto destas três obras poderá mostrar, enfim, a verdadeira opinião e discussão de Engels acerca das “questões sociais”, para as quais se ressalta que, sob a letra do autor, possui uma multissignificação. Abstraindo da ordem cronológica dos escritos, todavia, seu ordenamento será dado a partir da concatenação das ideias expostas, buscando o entendimento sobre o exame de Engels a respeito da sociedade do século XIX e das relações entre o ser social e o sistema de produção capitalista. Deve ser frisado que é diante da obra que destaca Engels enquanto pesquisador, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, que Marx realça a perspicácia de Engels ao chegar às mesmas conclusões que ele, mas por um caminho diferente.<sup>4</sup> (Marx, 2008) Desta

forma, a obra mencionada deverá ser alocada como central ao entendimento da discussão de Engels sobre as questões sociais de sua época e ao redor da qual deverão orbitar os outros dois escritos.

Obrigado a retornar a Manchester para ocupar um cargo na fábrica do pai, a *Ermen & Engels*, Engels vê à sua frente a condição à qual estava exposta a maior parte da sociedade inglesa, destacadamente a classe operária. Poucas obras puderam ser tão detalhadas e baseadas em tantos documentos oficiais, notícias e descrições quanto o escrito de 1845 de Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. De acordo com Branco (2005), o mérito de Engels está em identificar a indústria, as relações sociais e econômicas burguesas como a fonte do pauperismo e da fragilidade do povo inglês, com especial atenção aos trabalhadores. Assim:

Pela primeira vez, um autor estabeleceu, mesmo que de forma precária e intuitiva, uma relação dialética entre pobreza e riqueza, miséria e opulência. Antes vista como resultado da decadência feudal, a pobreza foi descrita como efeito da ascensão capitalista. Ninguém pode tirar este mérito de Engels. (Branco, 2005, pp. 9-10)

A análise engelsiana sobre a sociedade inglesa do século XIX se calca principalmente na percepção do autor sobre as condições de vida da classe menos abastada, bem como das condições estruturais fornecidas pela burguesia por meio da habitação e das consequências do trabalho

explorado sobre o cotidiano dos trabalhadores. Nesta perspectiva, Engels coloca-se no papel de expor os “resíduos” provenientes das grandes indústrias: a classe trabalhadora, seu caráter e sua perspectiva de vida fora do espaço laboral, e o espaço urbano, produzido e reproduzido para o benefício da produção industrial.

Neste sentido, a obra de Engels torna-se genial por contar não apenas com fontes que afirmam o desprezo promovido pela burguesia à classe trabalhadora dentro e fora das fábricas. Conhecendo o trabalhador mais a fundo, o autor coloca em evidência as sensações do cotidiano dos indivíduos que se arrastam entre a mediocridade de seus trabalhos e a lástima de seus lares; o esfacelamento da família, exposta inteira e integralmente ao funcionamento das indústrias; o refúgio aos prazeres mundanos, à ilegalidade e à vida noturna, como métodos para se manterem frente à real desorganização das cidades:

[...] o alcoolismo deixa de ser um vício de responsabilidade individual; torna-se um fenômeno, uma consequência necessária e inelutável de determinadas circunstâncias que agem sobre um sujeito que – pelo menos no que diz respeito a elas – não possui vontade própria, que se tornou – diante delas – um objeto; aqui, a responsabilidade cabe aos que fizeram do trabalhador um simples objeto. Assim como é inevitável que um grande número de operários se torne alcóolatra, também é inevitável que o alcoolismo provoque efeitos destrutivos sobre os corpos e os espíritos de suas vítimas, agravando todas as predisposi-

ções às doenças derivadas das condições gerais de abdominais, sem esquecer a eclosão e a propagação do tifo. (Engels, 2010, p. 143)

[Sobre os vícios e “todas as tentações de prazeres proibidos”] Tudo isso não provém de um anormal do caráter, mas da natureza quase irresistível das tentações a que estão expostos os pobres. Os ricos, que condenam o comportamento dos pobres, provavelmente cederiam com a mesma rapidez à influência de causas análogas. Existe um grau de miséria e uma imposição do pecado a que a virtude raramente pode resistir e a que a juventude, especificamente, não consegue se contrapor. Em tais circunstâncias, o progresso do vício é quase tão seguro e rápido quanto o do contágio físico. (Engels, 2010, p. 160)

Não desconsiderando os detalhes sobre os problemas encontrados no chão de fábrica, as inúmeras doenças contraídas pelos trabalhadores durante o cotidiano marcado por cerca de dezoito horas de trabalho ininterrupto (das quais se destaca, em seu detalhamento, a “asma dos afiadores” (Engels, 2010), juntamente à falta de segurança promovida pela incipiente indústria, salienta-se a discussão posta por Engels ao relacionar o desenvolvimento da revolução industrial com o estado de degradação das cidades inglesas, seja quanto à estrutura localizada no entorno das instalações produtivas, seja em relação à desagregação social (paralela, todavia, ao desenvolvimento da união dos trabalhadores contra as condições de trabalho e habitação desumanas oferecidas). Explícitas na presente

obra de Engels, a vivência durante o desenvolvimento das indústrias e o relato realizado pelo autor fazem saltar aos olhos as interrelações entre a sociedade e o ambiente; no caso, entre a degradação do ambiente e degradação do ser humano:

A mera concentração da população nas grandes cidades já exerce uma influência deletéria. A atmosfera de Londres não pode ser tão pura e rica em oxigênio como a de uma região rural; 2,5 milhões de pessoas respirando e 250 mil casas amontoadas numa área de três ou quatro milhas quadradas consomem uma enorme quantidade de oxigênio que dificilmente se renova, uma vez que a arquitetura citadina não favorece a circulação do ar. O gás carbônico produzido pela respiração e pela combustão permanece nas ruas graças à sua densidade e porque as correntes principais dos ventos passam acima das casas. Os pulmões dos habitantes não recebem a porção adequada de oxigênio e as consequências são a prostração física e intelectual e uma redução da energia vital. (Engels, 2010, p. 137)

De acordo com Cindra (1995), Engels não se interessava apenas pelos assuntos voltados à economia. Ao que parece ser proporcional à autonomia de seus estudos, os interesses de Engels mostravam-se variados,<sup>5</sup> debruçando-se também “sobre um assunto que só um século mais tarde viria a se tornar corriqueiro: o problema ecológico” (Cindra, 1995, p. 77). O trabalho incompleto de Engels, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, de 1876,

expõe, desta forma, a ligação, tão ausente nos trabalhos de Marx, entre o indivíduo e meio ambiente.

O interesse de Engels dividia-se também ao acompanhamento sobre o desenvolvimento das ciências naturais. Segundo Cindra (1995), o autor considerava dentre as descobertas mais importantes da ciência a da célula orgânica como unidade fundamental dos seres vivos, as leis sobre a conservação e transformação de energia, pertinentes à física, e a lei da evolução de Darwin. A influência desta última mostra-se evidente no escrito de Engels: o autor constrói a história do desenvolvimento humano tendo por cerne o trabalho, a atividade laboral, mediante a qual o macaco pôs-se de pé, confeccionou armas para autodefesa e, transformado em homem, “conquistou” a natureza.

Resumindo, só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho. Contudo, não nos deixemos dominar pelo entusiasmo em face de nossas vitórias sobre a natureza. Após cada uma dessas vitórias a natureza adota sua vingança. É verdade que as primeiras consequências dessas vitórias são as previstas por nós, mas em segundo e em terceiro lugar aparecem consequências muito diversas, totalmente imprevistas e que, com frequência,

anulam as primeiras. [...] Assim, a cada passo, os fatores recordam que nosso domínio sobre a natureza não se parece em nada com o domínio de um conquistador sobre o povo conquistado, que não é o domínio de alguém situado fora da natureza, mas que nós, por nossa carne, nosso sangue e nosso cérebro, pertencemos à natureza, encontramos-nos em seu seio, e todo o nosso domínio sobre ela consiste em que, diferentemente dos demais seres, somos capazes de conhecer suas leis e aplicá-las de maneira adequada. (Engels, 1999, pp. 22-24)

O curto e incompleto escrito de Engels, desta forma, coloca em discussão as relações intrínsecas entre o ser humano e a natureza,<sup>6</sup> relação esta subjugada à vontade do capital. Ao incrementar a teoria da evolução da espécie humana, tendo por base o trabalho, o desenvolvimento do homem a partir da modificação e adequação dos materiais concedidos pelo meio às necessidades humanas, Engels expõe o ângulo da transformação do ser humano a partir da profunda correlação entre si e a natureza, berço de sua origem e de sua própria metamorfose. A inconsistência entre as considerações a respeito da superioridade do homem sobre a natureza, impondo-a à sua vontade, e a desmesura da degradação exorbitante do meio pelo sistema produtivo, desta forma, colocariam em risco a (sobre)vivência do homem, como já o mostra as mudanças ambientais contemporâneas, que cada vez mais têm denegrido a saúde do indivíduo, colocando-o sob risco.

Sob esta perspectiva, conforme expõe Cindra (1995), Engels, desta forma, dá continuidade ao desenvolvimento de uma base sólida ao sistema que viria a substituir o capitalismo – o comunismo –, através do qual se poderia alcançar um estado de “*harmonia entre os interesses das pessoas, os interesses da coletividade e a preservação do meio ambiente*” (Cindra, 1995, p. 78). Tendo delineado os principais aspectos do comunismo em *Princípios básicos do comunismo*<sup>7</sup>, Engels realiza uma complementação do exposto sobre a exploração do trabalho do proletariado pela burguesia e da importância do comunismo enquanto sistema representativo da libertação da classe operária (futura “não-classe”) através do discurso sobre a profunda ligação entre o meio e o indivíduo. Em tal discurso, o autor expõe que a ideia sobre a sublevação da natureza ao ser humano revela a inócua hipótese da sublevação da natureza por si mesma, e que o homem, sim, ao modificar o meio, modifica a si mesmo, pois é parte da natureza. Com o socialismo e, como etapa superior à socialista, o comunismo, o homem encontrar-se-ia, portanto, *desalienado* do próprio homem sob o ideal capitalista, concebendo sua limitação e a essência da natureza enquanto parte e complemento de sua própria condição.

A exposição de Engels presente n’*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, assim, adquire maior densidade com os escritos complementares de Engels, expondo a real magnitude sobre a

discussão que intermedeia os problemas sociais à época. Enquanto complemento último que faz tornar sua percepção do estado da classe trabalhadora na Inglaterra mais aprofundada, destaca-se o debate entre Engels, Müllberger e Sax – estes últimos representantes, de acordo com a análise de Engels, do “socialismo burguês” – sobre a questão da habitação, presente em sua obra de 1873, *Para a questão da habitação*.

Diante das inúmeras revelações – e últimas, de acordo com o senhor Sax, a serem a real concretização daquilo que os socialistas de orientação mais extrema apresentam como ponto culminante das suas teorias (Engels, 1873) – feitas pelos opositores intelectuais a Engels nesta obra, Müllberger e Sax defendem, entre outros pontos, que os modelos de solucionamento dos problemas sociais no espaço do não-labor estariam concentrados nas habitações oferecidas aos trabalhadores, que, na verdade, seriam fruto da benfeitoria dos industriais à classe trabalhadora.

A principal crítica de Engels aos modelos expostos se ocupa do caráter das transformações a serem empregadas: baseadas em mudanças ocorridas na área da habitação, a saber, as modificações nas políticas de arrendamento, como a concessão da posse das moradias após o tempo de pagamento das partes que comporiam o valor total da moradia – os aluguéis – elevando os moradores ao nível de “possuidores”, bem

como a diminuição de impostos, resolvendo o problema social da falta de moradia e da miséria presente nas principais cidades, mostrar-se-iam apenas como políticas reformistas, sendo que o cerne da exploração e manutenção do sistema capitalista, e, assim, a exploração da classe trabalhadora, continuariam em vigência. Bem exposto por Engels, a classe burguesa e seus “socialistas” buscam remediar os males sociais para assegurar a existência de si próprios.

Numa sociedade assim, a falta de habitação não é nenhum acaso, é uma instituição necessária e, juntamente com as suas repercussões sobre a saúde etc., só poderá ser eliminada quando toda a ordem social de que resulta for revolucionada pela base. O socialismo burguês, porém, não pode saber isto. Não ousa explicar a falta de habitação a partir das condições. Assim, não lhe resta qualquer outro meio senão explicá-la com frases morais a partir da maldade dos homens ou, por assim dizer, do pecado original. (Engels, s/a, p. 25)

A apropriação das residências pelos próprios moradores, de acordo com o autor, não se tornaria a solução para a questão social. Esta refere-se às condições da classe trabalhadora constituídas, como é bem defendido por Engels ao longo de suas obras, pela exploração do trabalho no sistema de produção capitalista. Nem ao menos os trabalhadores ascenderiam à classe de capitalistas por possuírem a propriedade de seus tetos, já que, da mesma forma, continuariam inseridos no sistema produtivo,

despossuídos de meios de subsistência próprios e, com isso, dependentes da venda de si mesmos.

Apesar de recorrerem constantemente à moralidade dos indivíduos que compõem cada classe, para os quais os trabalhadores, no lugar de (se) pouparem para emergências futuras, desgraçam-se nos prazeres mundanos, Engels, na mesma perspectiva contida n'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, defende a classe ao afirmar que

O que o senhor Sax ousa de novo não saber é que, nas condições dadas, a bebida é, entre os operários, um produto necessário da sua situação, tão necessário como o tifo, o crime, os parasitas, os oficiais de diligências e outras doenças sociais (Engels, s/a, p. 26);

necessidades estas que se impõem na abstinência de condições mínimas de habitação, alimentação, cultura, entre outras das diversas urgências clamadas pelo corpo e pela alma do ser humano.

Da mesma forma, ao porem os industriais em seu pedestal, revelando sua benfeitoria diante da necessidade de moradia dos trabalhadores, que nutrem o sistema produtivo, Engels destaca que “é preciso ter um hábito fortemente desenvolvido de se enganar a si próprio” (Engels, s/a, p. 32):

É evidente que qualquer capitalista amarrado a uma determinada localidade rural pelas condições da sua indústria – força hidráulica, situação das minas de carvão, depósitos de minério de ferro e outras minas – tem de construir habitações para os seus operários, se não houver nenhuma. [...] A circunstância de os operários terem, pelo contrário, de percorrer frequentemente desde a localidade mais próxima um longo caminho até à fábrica e de, chegando a ela já esgotados, produzirem um trabalho insuficiente é a razão motriz que leva os dados de trabalho à construção de habitações para a sua mão-de-obra. (*ibidem*)

Eis aqui, portanto, a conclusão principal a ser retirada de Engels a partir da presente obra: a burguesia, ao trabalhar “em prol” da classe trabalhadora, visa constituir uma realidade apesar da mesma.

### III.

Apesar da constante atividade intelectual de Engels não se resumir a essas obras, dando continuidade à sua escrita até seu falecimento (incluindo a conclusão dos tomos de *O capital*, sobre o qual se sentia na posição de dar continuidade devido ao falecimento do amigo), para o objetivo do presente trabalho, as obras supracitadas se mostram de grande e suficiente relevância.

Ademais, deve ser dado destaque ao posicionamento de Engels na discussão sobre o próprio método marxiano de percepção da realidade e

de desenvolvimento do ser humano: o materialismo-dialético, presente, em menor ou maior grau, em algumas de suas obras.

De acordo com Musse (1997; 1999), um dos maiores méritos de Engels (um “Engels maduro”) repousa sobre a defesa do método materialista-dialético em contraposição aos métodos idealistas-metafísicos, conforme expôs em sua obra de discussão contra o posicionamento de Eugen Dühring, na qual este afirmava ser responsável pela construção de um modelo teórico capaz de substituir o socialismo, uma filosofia que, segundo o próprio, era “o sistema natural de um saber, precioso por si mesmo, para o espírito”, que “descobriu, com toda a certeza, sem transigir quanto à profundidade da ideia, as formas fundamentais do ser”. (Engels, 1990, p. 25)

Ao mesmo tempo em que se estabelece enquanto confirmadora da divisão do trabalho realizado entre Marx e Engels, conforme exposto anteriormente neste trabalho, em *Anti-Dühring*, de 1877, Engels expõe o delineamento e as questões que embasam o método materialista-dialético marxiano. “A crítica negativa resultou positiva” (Engels, 1990, p. 9) na medida em que o embate intelectual entre Engels e Dühring resultou em um tratado expositivo do método utilizado pelos autores enquanto base à crítica do sistema capitalista e ao entendimento do ser humano enquanto um constante “vir a ser”, assumindo um movimento de transformação baseada na

integração real entre o homem e a natureza e entre estes e seus próprios processos internos de *dialegos* – diálogo, polêmica. O prolongamento do conhecimento de Dühring a outras áreas das ciências, inclusive às naturais, serviu, portanto, enquanto profícuo cenário de estabelecimento do método utilizado por Marx e Engels, principalmente no que tange ao seu caráter dialético.

Em consonância ao método de entendimento do desenvolvimento natural e em contraposição ao pensamento limitado e contraditório de Dühring em relação à biologia e, com isso, à metamorfose ou evolução das espécies (ou, como prefere chamar, “composição”), que inclusive rebate as próprias contribuições de Darwin, Engels deixa claro o delineamento do viver enquanto processo dialético em si a partir mesmo da mais simples manifestação de vida:

A vida, do modo de existência do corpo albuminóide, consiste, pois, antes de mais nada, em que ele é a todo momento ele próprio e simultaneamente um outro e isso, não como consequência de uma ação de fora à qual estivesse submetido, como pode ser o caso para as matérias não vivas. (Engels, 1990, pp. 69-70)

Desta forma, torna-se clara a motivação de Engels acerca do posicionamento paralelo da natureza em relação ao desenvolvimento do ser humano, bem como à crítica da economia política. Percebe-se com Engels que a perspectiva do homem enquanto pertencente à natureza e, com isso, sendo transformado por meio das

transformações desta, bem como a relação do indivíduo com a sociedade, emperrada e transformada a partir do viés econômico, encontram-se mistificadas pela economia política burguesa, a partir da qual se coaduna o pertencimento do indivíduo à sua própria limitação corporal, um gerenciamento de seu desenvolvimento limitado a si próprio, uma determinação tal qual a das matérias não vivas, que sofrem as consequências de fora. A dialética, neste caso, torna-se igualmente mística, quando, na verdade, o desenvolvimento do sujeito é proveniente tanto de uma “polêmica” interna quanto externa, tanto micro quanto macro, tanto individual quanto social, assim como entre cada uma destas esferas.

#### IV.

Ao evidenciar as questões sociais, relacionadas ao estado de parte majoritária da sociedade inglesa – e das outras nações, visto que a produção industrializada torna-se mundializada – e, juntamente a isto, discutir temáticas correlatas ao desenvolvimento do ser humano e às relações multifacetadas do indivíduo com a natureza, o autor expõe ramificações importantes para uma complementação à crítica da economia política, exercendo sobre as obras de Marx tanto uma influência que vai desde a formação dos interesses deste autor, quanto à maior apreensão da teoria marxiana sobre a realidade social. Esta última

função dos escritos engelianos, entretanto, não deve sobrepor a sua individualidade enquanto pensador ímpar na análise sobre as condições da classe trabalhadora, ainda mais ao serem recordadas as influências dos escritos de Engels sobre as obras de Marx, como os *Manuscritos de 1844*, influenciado pelo *Esboço* de Engels, e o próprio *O capital*, no qual, de acordo com Branco,

O uso de fontes primárias de pesquisa, [...] habilmente empregado por Engels no livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, serviu de inspiração para Marx, que, vinte anos depois, seguiu parcialmente o método investigativo do grande amigo para escrever extensas passagens de *O capital*, em particular sobre processos de trabalho e os efeitos da acumulação capitalista. (Branco, 2005, p. 11)

Segundo Engels, as questões sociais apenas deverão ser solucionadas pela supressão do próprio sistema capitalista, sobre o qual está calcado o sistema político-econômico baseado na propriedade privada, na desapropriação dos meios de produção, agora exclusivos dos capitalistas, e na obrigatória venda da força de trabalho para a manutenção da vida dos indivíduos desapropriados. Reformas pontuais, como as apontadas em *Para a questão da habitação*, mostrar-se-iam, portanto, conservadoras, visando disfarçar os males mais visíveis provocados pela exploração do trabalho dentro das indústrias e passadas para o ambiente de

não-trabalho. A burguesia, desta forma, busca viver *apesar* da classe trabalhadora e dos males tidos como quase intrínsecos à sua condição.

Ademais, deve ser exposto que as consequências para a classe que vive do trabalho (em contraste à “classe que vive do trabalho alheio”) não apenas se manifestam através de uma perspectiva diretamente relacionada ao espaço laboral ou à *construção* do espaço urbano, que se origina como “apoio” à produção industrial, mas também à *desconstrução* do meio ambiente. Metamorfoseado de macaco em homem devido às necessidades que lhe foram impostas e através do que lhe foi concedido pelo meio, o desenvolvimento contemporâneo da sociedade pelos mesmos caminhos historicamente trilhados – a dependência da matéria bruta oferecida pela natureza e transformada por meio do trabalho humano – colocam em questão a degradação da natureza enquanto fator primordial à sobrevivência do ser humano. A partir do que se pode compreender por Engels a partir d’*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, percebe-se que ambas as classes carecem de um entendimento acerca do meio ambiente: enquanto a classe capitalista a vê como meio de fornecimento das matérias-primas para a produção industrial, a classe trabalhadora, apesar do superficial conhecimento sobre ela, releva-a por não ser um conhecimento impreterível à sua manutenção cotidiana. Conforme expõe Engels sobre as instituições de ensino de mecânica aos trabalhadores:

Aí se divulgam elementos das ciências naturais, procurando desviar a atenção dos operários da oposição contra a burguesia e se lhes fornecem conhecimentos que eventualmente podem levá-los a invenções que tragam lucros aos burgueses; quanto às ciências naturais, seu conhecimento, pelo operário, é atualmente desprovido de utilidade, uma vez que ele nem sequer pode observar a natureza, vivendo na grande cidade e absorvido por uma jornada de trabalho tão prolongada. Nesses centros também se ensina economia política, cujo ídolo é a livre concorrência e da qual o operário só pode extrair uma conclusão: para ela, nada é mais razoável que resignar-se a morrer de fome silenciosamente. Nessas instituições, toda a educação é domesticada, dócil e servil diante da política e da religião dominantes; seu objetivo, por meio de prédicas constantes, é tornar o operário obediente, passivo e resignado diante de seu destino. (Engels, 2010, p. 272)

Ao presente trabalho se prestou indiretamente o papel de destacar a genialidade de Engels perante a nebulosa e comum comparação entre seus escritos e os de Marx, para as quais, no caso deste último, a história e os intelectuais que a interpretam concederam maior relevância. Ao denominar-se “segundo violino”, em carta enviada a Johann Philipp Becker (carta de 15 de outubro de 1884)<sup>8</sup>, Engels pode ter tomado por base sua contribuição intelectual à construção de uma teoria robusta sobre o funcionamento do capital, sua sublevação e a passagem do capitalismo ao comunismo. Mas não apenas sua verdadeira

contribuição, multifacetada, sobre as questões políticas, econômicas e sociais, como também, e principalmente, sua atividade de militância junto à classe trabalhadora, empreendendo sua vida em prol da defesa dos trabalhadores, talvez o coloque, sob uma perspectiva diferente, no “nível” de Marx. Segundo Coggiola, o pensador não só “tentou completar” ou “completou” Marx, como em *O capital*, mas o precedeu em pontos centrais e estendeu o âmbito de sua obra comum até áreas em que Marx sequer ousava entrar. Apesar de se referir como “segundo violino” na constituição de uma ideologia em prol dos trabalhadores, esteve, como Marx mesmo reconhecia, em pé de igualdade com seu colega. Tal qual Marx, portanto, mesmo após 120 anos desde sua morte, a contribuição de Engels deverá se manter forte na análise dos percalços gerados pelo capitalismo à classe trabalhadora, bem como na reflexão de um modelo econômico que supere o capitalismo. Apesar de sua origem nobre, seu espírito universal, seu caráter e sua sensibilidade perante os acontecimentos do mundo (mais especificamente da Inglaterra) e o estado da classe trabalhadora o destacam como um pensador e militante ímpar, que, assim como seu companheiro, acreditava na verdadeira harmonia na sociedade e entre ela e o meio ambiente, que só poderia ser alcançada com o fim do capitalismo e com a elevação do ideal comunista. Conforme Coggiola (1995, p. 103) deixa claro,

O papel de segundo violino que Engels se atribuiu (mas todos sabemos o quanto um segundo violino pode estragar ou tornar inesquecível um concerto) diante da profundidade genial de seu principal companheiro, foi um aspecto da arquitetura da construção desse instrumento coletivo da vanguarda revolucionária. Não indica, de modo algum, um estatuto de hierarquia pessoal.

## Bibliografia

- ARON, Raymond. *O marxismo de Marx*. 3. ed. São Paulo: Arx, 2005.
- BRANCO, Rodrigo Castelo. “A contribuição dos textos juvenis de Engels à crítica da economia política”, *Anais do Colóquio Internacional Marx e Engels*, 4, 2005, Campinas. Campinas: UNICAMP, 2005. Disponível em <<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GTI/ltm2c5.pdf>>. Acesso em: 20/08/2014.
- CINDRA, José Lourenço. “Friedrich Engels, a ciência, o homem e a natureza”, *Coleção Princípios – Neoliberalismo e barbárie*. São Paulo, n. 38, p.75-78, out-nov-dez. 1995. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_50\\_137.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_50_137.pdf)>. Acesso em: 21/08/2015.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Engels: o segundo violino*. São Paulo: Xamã, 1995.
- ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Anti-Dühring*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Engels to Johann Philipp Becker in Geneva – London, 15 October 1884*. Disponível em: <[https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1884/letters/84\\_10\\_15.htm](https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1884/letters/84_10_15.htm)>. Acesso em: 20/08/2014.

\_\_\_\_\_. “Esboço de uma crítica da economia política”. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, Livr. Ed. Ciências Humanas, 5: 1-29, 1979. Disponível em: <[http://www.cinfil.com.br/arquivos/frederich\\_engels.pdf](http://www.cinfil.com.br/arquivos/frederich_engels.pdf)>. Acesso em: 20/08/2014.

\_\_\_\_\_. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Edição Eletrônica: Rocket Edition, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>>. Acesso em: 21/08/2014.

\_\_\_\_\_. *Para a questão da habitação*. s/a. Disponível em: <[http://resistir.info/livros/engels\\_q\\_habitacao.pdf](http://resistir.info/livros/engels_q_habitacao.pdf)>. Acesso em: 21/08/2014.

MARX, Karl. *Carta a Engels (em Manchester)* – 22 de junho de 1867. Disponível em: <[https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1867/letters/67\\_06\\_22.htm](https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1867/letters/67_06_22.htm)>. Acesso em: 20/08/2014.

\_\_\_\_\_. *Contribuição à crítica da Economia Política*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MUSSE, Ricardo. “A dialética como método e filosofia no último Engels”, *Crítica Marxista* (São Paulo), v. 5, p. 40 – 54, 1997. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo33Artigo1.3.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo33Artigo1.3.pdf)>. Acesso em 20/08/2015

\_\_\_\_\_. Sistema e método no último Engels, *Discurso* (São Paulo), n. 30, p. 87–100, 9/08/1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/viewFile/38028/40754>>. Acesso em: 21/08/2014.

## Notas

**1** O presente artigo é uma versão modificada do texto, com mesmo título, publicado em sua completude nos Anais do II Encontro Internacional sobre a Teoria do Valor-Trabalho e Ciências Sociais, em Brasília (2014).

**2** Em nossa opinião, um dos fatores mais marcantes de Engels em seu *Esboço* encontra-se em sua percepção sobre a real condição social do século XIX, funcionando como uma tentativa de desmascaramento (e publicização desta nova perspectiva) do esfacelamento da sociedade humana

durante o desenvolvimento industrial. Baseado incipientemente nas obras dos economistas clássicos, tais como Adam Smith, a maturidade percebida na obra, assim como a ausência de um estudo orientado, entretanto, contrasta em muito com a maturidade de Marx nos *Manuscritos de 1844*, que possuíam maior profundidade nos estudos político-filosóficos. Talvez residindo como fator limitador ao maior desenvolvimento das ideias demonstradas em sua obra, sua relevância, entretanto, não se encontra aquém da contribuição marxiana.

**3** Em contrapartida, pode-se perceber a posição de Marx frente a Engels em suas correspondências. Durante a redação de *O capital*, encontram-se nas cartas de Marx a Engels, os seguintes tratamentos: “Eu espero que você esteja satisfeito com estas 4 folhas. Que você esteja satisfeito com isso até agora é mais importante pra mim do que qualquer coisa que o resto do mundo possa dizer” (Marx, 1867).

**4** Além disso, deve ser destacado, na mesma obra, o elogio de Marx sobre o *Esboço* de Engels, para o qual se apresentou como “genial esboço de uma crítica das categorias econômicas”. (Marx, 2008, p. 49) Quanto aos elogios concedidos ao *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, pode ser visto que a via trilhada por Engels para chegar às mesmas conclusões que Marx se deu pelo caminho empírico e pela constatação, através da pesquisa e da percepção do autor, embasadas em documentações oficiais, da realidade social inglesa. Conforme expõe Aron (2005, p. 198) sobre esta condição de “cientista social” de Engels: “O que Engels lhe traz? Engels lhe traz um conhecimento mais direto e mais detalhado da realidade de seu tempo, uma tendência menor à elaboração filosófica, um rigor menor também na filosofia e um talento para a vulgarização, que se pode aplaudir ou deplorar, ou provavelmente um pouco de cada.”

**5** Como pode demonstrar o próprio autor ao relatar o desenvolvimento das ciências naturais em *A dialética da natureza*, de 1883.

**6** Deve-se destacar o início da análise de Engels presente em *A dialética da natureza*, de 1883, que completa o sentido relacionado à estreita ligação entre a natureza e o homem. Seguindo o exposto por Engels sobre os dois “lados” em *O papel do trabalho...*, e segundo o desenvolvimento feito por

Engels sobre o estudo da natureza por meio das ciências naturais naquele texto, sobre a qual relata seu (da natureza) caráter dialético, de constante mudança, de “um permanente vir-a-ser e passar” (Engels, 1883, p. 5), pode-se perceber, portanto, sua defesa indireta da dialética também presente na história da humanidade, esta estabelecida por meio da luta de classes.

**7** A referente obra de Engels serviria de base para a obra em conjunto de Marx e Engels, *O manifesto comunista*, de 1848.

**8** “Rather, my misfortune is that since we lost Marx I have been supposed to represent him. I have spent a lifetime doing what I was fitted for, namely playing second fiddle, and indeed I believe I acquitted myself reasonably well. And I was happy to have so splendid a first fiddle as Marx. But now that I am suddenly expected to take Marx’s place in matters of theory and play first fiddle, there will inevitably be blunders and no one is more aware of that than I. And not until the times get somewhat more turbulent shall we really be aware of what we have lost in Marx. Not one of us possesses the breadth of vision that enabled him, at the very moment when rapid action was called for, invariably to hit upon the right solution and at once get to the heart of the matter. In more peaceful times it could happen that events proved me right and him wrong, but at a revolutionary juncture his judgment was virtually infallible.” (Engels, 1884)